

# EDITORIAL

Neste dossiê temático (*De*)*Colonialidades, Fronteiras e Saberes*, propomos apresentar reflexões e práticas de produção do conhecimento que indiquem um deslocamento ao Sul, não no sentido geográfico da hegemonia da Europa e dos Estados Unidos; mas do sul geopolítico, levando em conta também as colonizações internas a essa região e interrogando-nos sobre as condições de possibilidade de produções desviantes, marginais ou dissidentes; enfim, daquilo que foge ao cânone científico. Para tanto, agregamos neste número da *Cronos*, na maioria, estudos que foram debatidos em dois grupos de trabalho (GT2 e GT3) do *IV Ciclo de Estudos em Ciências Sociais*; ciclo esse que teve lugar num evento tripartite que congregou também o *Seminário Internacional Max Weber: 150 anos*, e o *VII Colóquio de Ciências Sociais* da UFRN, no período de 15 a 17 de setembro de 2014, na cidade do Natal-RN.

O *GT2 Ciências contra-hegemônicas, ética da solidariedade e ecologia de saberes*<sup>1</sup> focalizou um movimento intelectual de vocação transdisciplinar de cientistas contemporâneos dos mais diversos campos disciplinares – desde Einstein, passando por Heisenberg, Bohr, Prigogine, Gödel – que vem mostrando rombos nos pressupostos da ciência moderna; o que tem contribuído para desnaturalizar e apontar seu caráter cultural, histórico-social e sua relação intrínseca com as esferas

da economia e do poder do *sistema mundo* (Wallerstein<sup>2</sup>). O que além de deflagrar os sinais de uma crise paradigmática das ciências – entre outros, indicado por Boaventura S. Santos – acabou provocando a emergência de perspectivas contra-hegemônicas de produção do conhecimento científico, donde surgem apelos a um compromisso da ciência em relação a uma ética para com o humano (antropoética) ou uma ética da solidariedade, conforme Edgar Morin indica em diversas obras.

A crise seria fruto de promessas não cumpridas da Modernidade Ocidental, além de não contabilizar os déficits econômico-sociais e político-simbólicos do processo de globalização eurocêntrica ao qual se aliou. A fragilidade de muitos dos pressupostos da ciência moderna vieram à tona, levando a maior reflexividade sobre o fazer científico pelos próprios cientistas e a inauguração de novas práticas científicas e teorizações, muitas das quais visando rearticular disjunções epistemológicas clássicas que ainda operam de modo dominante nas ciências da atualidade, tais como: natureza/cultura; natural/social; local/global; universal/singular; conhecimento/autoconhecimento; sujeito/objeto; ciência/senso comum; razão/imaginação; *mythos/logos*; história/ficção; simples/complexo; ordem/caos;

<sup>1</sup> Coordenado pela Profa. Ana Laudelina Ferreira Gomes (PPGCS-UFRN) e o pós-graduando do PPGCS-UFRN Rodrigo Viana Sales.

<sup>2</sup> WALLERSTEIN, Immanuel. **Para abrir as ciências sociais**. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

determinismo/indeterminação, etc. Assim, essas novas perspectivas epistemológicas reclamam para si um compromisso de humanização dos conhecimentos no sentido de colocá-los a serviço da contra-hegemonia epistemológica e política, na luta contra a *monocultura da mente*, assim como diria V. Shiva<sup>3</sup>, a fim de oportunizar a visibilização de saberes subalternizados em face de interesses do mercado e do poder. Fala-se em buscar uma ecologia de saberes que possibilite *reinventar a emancipação social* (SANTOS<sup>4</sup>).

O GT3 *Descolonialidade, fronteiras, saberes e expressividades*<sup>5</sup> sociais partiu do desejo de assumir determinadas rupturas anunciadas no âmbito da produção do saber acadêmico, mais particularmente nas Ciências Sociais e Humanas, propondo-se a discutir diálogos existentes entre saber científico e outros saberes. Levando em conta a intensificação, cada vez maior, dos debates na perspectiva da crítica da descolonialidade, do pós-colonialismo ou “das epistemologias rebeldes”, compreende-se que urge o *pensamento-fronteira* (nos interstícios da ciência e da não ciência) para a superação de práticas sedimentadas apenas na racionalidade científica eurocentrista, da qual resulta a sobre-codificação da própria estrutura das Ciências Sociais. Entende-se que tal segmentaridade endurecida tem impedido a emergência de outras expressividades e pragmáticas científicas. Portanto, a proposta de reflexão segue o sentido de conectar fluxos de pensamentos,

fluxos de produção, fluxos de saberes e ideias e fluxos de produção de desejos para a descolonialidade do saber e da vida.

Tais preocupações e desejos nortearam os GT's anteriormente e, do momento em que um fecundo debate instaurou-se, foi pensada uma composição de textos para um dossiê temático, a partir de algumas comunicações selecionadas e, também, de artigos de autores convidados. A apresentação que segue está na sequência dada aos artigos.

Na abertura do dossiê, temos o artigo *(Des)colonialidades e Conhecimentos – Interstícios nas Ciências Sociais*, de Norma Takeuti, que parte da premissa da existência de um princípio da desigualdade (externa e interna a cada organização local) no *modus operandi* do grande conjunto científico-acadêmico ocidental, para indagar-se sobre as possibilidades de movimentos de ruptura epistemológica em relação a uma matriz universalizante nas Ciências Sociais e Humanas. A autora reflete sobre a natureza do abalo atual no centro hegemônico do pensamento social ocidental e sobre a importância das “epistemologias rebeldes” no território da ciência normal, enquanto *micropolíticas do saber*, cujo desafio, para além da ordem epistemológica, é de ordem ético-política. Para pensar em uma elasticidade, num campo sedimentado de saberes hegemônicos (“universais”), propõe a ideia de um campo a *caráter fronteira*, de *coabitação de híbridos* trânsito entre *experimentações múltiplas* em uma versão de uma *ciência rebelde*.

As reflexões reveladas no artigo *Aproveitar experiências: uma abordagem sobre comunicação e educação*,

---

<sup>3</sup> SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

<sup>4</sup> SANTOS, B. de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>5</sup> Coordenado pela Profa. N. Takeuti (PPGCS-UFRN) e os pós-graduandos PPGCS-UFRN J. B. Figueredo de Oliveira e V. F. de A. Lacava.

formação das competências e emancipação social, de Itamar de Moraes Nobre e Vânia de Vasconcelos Gico analisam as lembranças do início da formação do primeiro autor, personagem da cena, que foram trazidas à tona durante uma experiência com a segunda persona. Partilham as suas experiências e refletem sobre a comunicação e educação na formação das competências, enquanto possibilidades de emancipação social do sujeito social aprendente, tendo como base as suas memórias de vida escolar, aliadas a outras vivências contadas de outros países, dialogando com autores que possibilitam a construção da teia do conhecimento na construção de um *conhecimento prudente* (SANTOS<sup>6</sup>), descolonizando as ideias e a *injustiça cognitiva*, tal como diria o escritor malinês A. Hampâté Bâ<sup>7</sup>, ressaltando a importância da escola e da comunicação social ao estarem relacionadas em prol das interações humanas, favorecedoras da formação das possíveis competências de seres (NÓVOA<sup>8</sup>; FREIRE<sup>9</sup>) como futuros “agentes de transformação social”.

O artigo *Des/orientalização, (des) colonização, (des)territorialização: diálogos entre o Brasil e a Índia no pós-guerra*, de Gisele P de Oliveira, propicia-nos uma instigante análise *em diálogo*,

*em pensamento e em trânsito*, a partir de três personalidades intelectuais – Cecília Meireles, Rabindranath Tagore e Mahatma Gandhi cujos pensamentos produziram-se entre as duas grandes guerras. A Índia e seu legado sociocultural aproximam essas três personalidades; mas também, a condição de descolonizados e de desterritorizados (trânsitos contínuos, viagens múltiplas, longas vivências no estrangeiro) e suas posturas *desorientalizantes* pela valorização do legado dos povos tradicionais, a contrapelo de uma visão dominante construída do Oriente.

O texto *Ouvir a voz da Mulher Sábia: narrativas sobre novos paradigmas*, de Luciana C. Celestino, estabelece uma relação entre os sinais da emergência de um novo paradigma – “ecológico, ecocêntrico e cooperativo” (CAPRA<sup>10</sup>; SANTOS<sup>11</sup>) e o imaginário suscitado por narrativas de mulheres sábias, das artes, mito e literatura. Nessa aproximação, o diverso, múltiplo e plural da cultura articula-se à natureza *unidual* do humano, ao mesmo tempo *sapiens* (prosaico) e *demens* (poético), na terminologia de E. Morin<sup>12</sup>. Apoiada em V.Shiva<sup>13</sup>, a autora percebe que o saber mágico das heroínas sábias, como nos cordéis de *A donzela Teodora* ou da *Imperatriz Porcina*, traz rastros de um saber subjogado associado ao feminino,

---

<sup>6</sup> SANTOS, B. de S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

<sup>7</sup> HAMPÂTÉ BÂ, A. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2003.

<sup>8</sup> NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2000.

<sup>9</sup> FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

<sup>10</sup> CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton R. Eicheberg. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

<sup>11</sup> SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1993.

<sup>12</sup> MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Dulce Matos. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

<sup>13</sup> SHIVA, V. **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

enquanto princípio do psiquismo humano e cósmico (JUNG<sup>14</sup>). A autora defende que ler e reler essas narrativas é um convite a esse saber religante que nega as disjunções clássicas que a ciência moderna fez operar ao longo de sua história.

Em *A América Latina, Males de Origem: a atualidade de Manoel Bomfim para a crítica pós-colonial*, Paulo Milhomens traz à reflexão uma obra seminal do pensamento social brasileiro que permaneceu, até a década de 1980, praticamente desconhecida do circuito acadêmico das ciências humanas e sociais; sendo revisitada por Darcy Ribeiro, responsável por sua retomada nas rodas intelectuais brasileiras de prestígio. Isso tudo em vista de se configurar como uma crítica feroz a elites políticas e econômicas que justamente sustentavam o sistema de dominação pós-colonial nas Américas, do que podemos deduzir a colonialidade do saber nessas ciências e sua rejeição ao livro na época de sua edição. Historiador e cientista social, o autor do artigo fecunda esses dois campos de saber numa discussão que traz tanto as motivações da obra quanto sua importância, ontem e hoje.

*Viver, aprender, mudar: o conhecimento de si como aprendizado mutante*, estudo fruto da parceria de Adeilton D. Alves e Geovânia Toscano, traz à discussão a importância do autocohecimento no processo de aprendizagem humana. Isso implica reconhecer nossa condição de sistema vivo e de nossa necessidade de convivência com outros, num ambiente que não controlamos. Mobilizando uma farta gama de pensadores da transversalidade do

conhecimento, como G. Bateson, H. Maturana e E. Varela, E. Capra, E. Morin, H. Atlan e de um líder espiritual de grande envergadura (Krishnamurti), os autores argumentam no sentido do destronamento da crença humana na liberdade ilimitada de ação e escolha, e no aprendizado em meio à incerteza, à desordem e ao caos.

No texto *Ecologias digitais e multidões auto-organizadas: reflexões sobre tendências de subjetivação contemporâneas e micropolítica digital*, Antonino Condorelli leva-nos a formas alternativas de pensar a constituição de subjetividades por intermédio do agenciamento das redes sociais. Faz-nos refletir sobre a dimensão biopolítica da vida digital a limitar os desejos de autonomia que, paradoxalmente, tem mostrado-se como o *letmovit* das grandes manifestações brasileiras que ganharam as ruas em junho de 2013. Para o entendimento desses processos, o autor sugere a articulação entre novas *epistemologias não-humanistas do digital* – especialmente recorrendo à teoria do ator-rede de Bruno Latour – e a *prática da propriocepção dos atores dessas redes*, de modo a problematizar teoricamente as condições de possibilidade de *micropolíticas digitais não-hegemônicas*.

A discussão sobre o lugar da alteridade, nos dias atuais, é proposta por Alecrides J. R. C. B. de Senna, em seu texto *Pensar o Outro: entre ruptura da Modernidade e o reconhecimento da alteridade*. Seu ponto de partida são as imagens da dor e do sofrimento, apresentadas no ensaio da escritora Susan Sontag (*Diante da dor dos Outros*), as quais desvanecem, nos dias atuais,

---

<sup>14</sup> JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.



para dar lugar à insensibilidade. Para problematizar essa indiferença ao outro, propõe-se no artigo, de um lado, pensá-la na esteira da concepção de Lévinas o qual reflete as causas do fenômeno pelo *auto centramento do eu*; de outro, com B. Latour e W. Mignolo, pensar a Modernidade e sua construção da ideia do outro (no Ocidente) permeada por uma discursividade que implica a anulação do *outro*.

O último artigo que compõe o dossiê temático, de Ana Laudelina Ferreira Gomes, trata de colocar em perspectiva dois conjuntos teórico-filosóficos que convergiriam em suas problematizações: de um lado, as concepções do imaginário e da imaginação simbólica de Gaston Bachelard e Gilbert Durand, em diálogo com as análises vigorosas e especialíssimas de Jean-Jacques Wunenburger, um dos maiores estudiosos desses filósofos na atualidade; de outro lado, a proposta de *relição dos saberes* de Edgar Morin. Para a autora, em ambas as abordagens, o imaginário e a racionalidade não mais são vistos como duas esferas psíquicas antagônicas, de modo que as lógicas científica e simbólica não se encontram em oposição. A proximidade entre essas duas lógicas estaria assegurada pela própria “teoria da criatividade geral do espírito”, nos de Wunenburger. Já no pensamento complexo de Edgar Morin, isso pode ser pensado como próprio condição humana que é, ao mesmo tempo, “prosaica e poética, mítica-simbólica e lógico-racional”.

Para completar esse dossiê, temos a entrevista, realizada por Norma Takeuti, com Paulo Henrique Martins – Prof. Titular (Sociologia) da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – que possui uma significativa produção no tema da América Latina. Conta-nos sobre sua recente

experiência como Presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS) que o fez descobrir o quanto existe uma América Latina, como subsistema histórico global, que se desenha, sob as diferenças particulares das sociedades nacionais, em suas possibilidades que se dão a partir de um amplo espectro de reflexões específicas prósperas existentes (imaginários ameríndios, africanos e asiáticos e experiências sincréticas e híbridas). A entrevista não se resume em uma narrativa de suas próprias experiências acadêmicas e trajetória intelectual, como há um descortinar de temáticas da *descolonialidade e pós-colonialidade* na América Latina, ao mesmo tempo em que vai tecendo críticas a uma determinada *recolonialidade do saber*, isto é, uma identificação, principalmente, dos intelectuais brasileiros, de uma dada geração, com as teorias sociais produzidas nos países centrais. Contudo, isso não o exime de considerar que, no conjunto da América Latina, haja no campo intelectual uma *reação sistêmica anticolonial que atravessa as formações discursivas e os inconscientes coletivos, apesar das fragmentações institucionais*.

Por fim, consideramos que as reflexões contidas neste dossiê temático, proporcionam-nos uma visão bastante abrangente da diversidade de questões e perspectivas que estão em jogo na mudança paradigmática nas Ciências Sociais e Humanas. Conhecer outros fazeres epistemológicos nesse território científico, que descentram teorias e autores hegemônicos leva-nos a pensar nas fronteiras entre ciências e outras formas de saber e de experimentações sociais em curso. A Modernidade Ocidental privilegiou o saber científico como seu principal interlocutor e sustentáculo de poder

de modo que as ciências foram tão naturalizadas a ponto de não percebermos o fechamento de sua linguagem para outras formas de conhecimento e para a vida. A provocação é a de sair desse campo do cânone clássico científico, abrindo-nos para perspectivas dissonantes ou dissidentes.

Natal (RN), Inverno tropical/2015.

Ana Laudelina Ferreira Gomes  
Norma Takeuti  
**(Organizadoras)**